

Marés deixa a Funai depois da festa do Descobrimento

Evento dos 500 anos tornou sua permanência no cargo insustentável

Lindauro Gomes/AE

O término das comemorações dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil marcará também o fim da gestão do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Frederico Marés. A permanência dele no cargo se tornou insustentável. Marés não atuou como o Governo esperava para acalmar os ânimos dos índios em Porto Seguro, revoltados com a política indigenista, e, mais recentemente, com a destruição de um monumento na praia de Corôa Vermelha pela PM, um dos palcos da comemoração oficial dos 500 Anos do Descobrimento.

Os assessores e ministros que participaram das reuniões com Marés no Palácio do Planalto garantem que ele atuou na organização da festa em Porto Seguro como "advogado de uma organização não-governamental". Sempre manteve a polêmica sem apresentar soluções, como era de se esperar de um aliado do Governo. Marés passou a impressão de que estava interessado em manter a discussão para dar suporte à atuação do Instituto Sócio Ambiental, uma ONG que ele tem em sociedade com Márcio Santilli, ex-presidente da Funai, expulso do cargo a tapas pelos índios em 1996.

A expectativa do Palácio do Planalto era de que Carlos Marés fosse um interlocutor entre o Governo e as comunidades indígenas. A tarefa acabou nas mãos de três procuradores do Ministério Público Federal e do subsecretário-geral da Presidência da República, Marcelo Cordeiro, que está na Bahia tentando apagar o incêndio no lugar de Marés, a pedido do presidente Fernando Henrique Cardoso. "Todo o clima anterior já não existe mais", garantiu Marcelo



Marés deixou de ser interlocutor do Governo junto aos índios para atuar em favor de sua ONG

Cordeiro. A demissão de Carlos Marés da Funai será anunciada depois dos festejos porque o Governo não quer dar motivo para manifestações de desagravo durante as comemorações dos 500 Anos.

Desde o governo militar do ex-presidente João Baptista Figueiredo, quando ocorreram várias crises na Funai, com sucessivas quedas de dirigentes, o nome de Carlos Frederico Marés aparecia como uma alternativa para o cargo. Mas a posse dele só ocorreu no ano passado com a saída do ex-senador Márcio Lacerda. Várias facções comprometidas com a luta indígena viram com desconfiança a indicação de Marés para presidir a Funai e a insatisfação aumentou com ele no exercício do cargo. Os indigenistas garantem que Marés

não atuava em defesa dos interesses da população indígena.

Apesar de assumir um órgão descapitalizado, Carlos Marés não conseguiu dar um rumo à política indigenista no sentido de solucionar antigas pendências, como a demarcação das terras da reserva Caramuru-Paraguaçu, na zona cacauieira da Bahia, onde vivem os Pataxós Hã-hã-hãe. Também não cuidou da ocupação dos pataxós na área do Monte Pascoal. Estes fatos, entre outros, deram mais munção às manifestações dos povos indígenas contra o Governo federal às vésperas dos festejos dos 500 anos do Descobrimento, quando o Brasil passou a ser alvo das atenções internacionais.

O maior golpe no orçamento da Funai aconteceu no ano passa-

do, quando o ex-ministro da Justiça, José Carlos Dias, e o ministro da Saúde, José Serra, transferiram a responsabilidade pela assistência médica das comunidades indígenas para a Fundação Nacional de Saúde (FNS). A alegação era de que a FNS poderia prestar uma assistência com maior qualidade às populações indígenas. A Funai ficou como coadjuvante, para cuidar apenas do "desenvolvimento" das aldeias (agricultura, educação, artesanato, etc). Tarefa difícil, sobretudo quando grandes áreas ainda estão por serem demarcadas e muitas que foram regularizadas ainda hoje estão invadidas.

MARCIA GOMES e ROSANE ANDRADE GARCIA

Repórteres do JORNAL DE BRASÍLIA